

Interculturalidade e argumentação na perspectiva do modelo dialogal

Interculturality and argumentation in the light of the dialogical perspective

Izadora Araújo Barbosa¹

Rubens Damasceno-Morais²

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma análise argumentativa no cenário intercultural de falantes nativos de inglês debatendo em português como língua não materna em situação de *estase* argumentativa, ou seja, o ponto máximo do contradiscurso, para que se possa perceber de que forma os estranhamentos socioculturais (FARNEDA, 2012) favorecem na construção da tensão no momento do debate. Para compor a análise descritiva, aplicou-se o modelo dialogal de Plantin (2009, 2011, 2016), segundo o qual a noção fundamental é a da “situação argumentativa” em que dois discursos em oposição coexistem e se autorregulam, definindo assim uma *questão*, que está voltada para o mapeamento argumentativo e nos permite perscrutar os posicionamentos motivados por interesses e os papéis de atuação desempenhados pelos falantes no momento do debate. A metodologia também lança mão da perspectiva dialogal da argumentação, observando como se constroem posicionamentos dos papéis de atuação de dois interactantes (proponente, oponente, terceiro) em uma conversa extraída de um vídeo do canal *Harry Souroukides*, disponibilizado na plataforma *Youtube*. A partir da análise ora apresentada, constatou-se que o domínio da língua não materna é decisivo para o bom desenvolvimento da interação, apesar do surgimento de *estases* ao longo da interação entre falantes nativos de inglês ao comunicarem-se em português do Brasil.

Palavras-chave: Argumentação; Estase; Estranhamentos socioculturais; Língua não materna.

Abstract: This article aims to present an argumentative analysis in the intercultural scenario of native English speakers discussing Portuguese as a non-native language and experiencing argumentative *stasis* - the opposite point of view in a dialogue - so that it might be perceptible how social and cultural estrangement (FARNEDA, 2012) favors the construction of tension during debates. In order to compose a descriptive analysis, the dialogical theory of Plantin was applied, on what the fundamental notion is that of the argumentative situation in which two opposing speeches coexist and measure each other, and thus defining an issue (PLANTIN, 2009, 2011, 2016). Thi work foccuses on the argumentative conflict between two differents cultures in a friendly conversation about cultural questions in a *Youtube* channek, *Harry Souroukides*. Arguing in a mother tongue is already a complex process because it is necessary to use discourse strategies so that the arguments can be consistent with the course of the subject-matter that is being addressed in the debate; nevertheless, it becomes even more complex when the argumentation is carried out in a language in which the speaker is still in process not only of learning but also of constituting individuality. Thus, the level of mastery of the non-native language is decisive for the progress of the interaction and, through this, the importance of understanding these sociocultural factors is reinforced for more fluid and conflict-free communication.

Keywords: Argumentation; Stasis; Social and cultural estrangement; Non-native language.

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa. Universidade Federal de Goiás (UFG).

² Professor Doutor e Pesquisador da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Introdução

Dentre as muitas abordagens que existem para definição da linguagem, uma delas é a que a compreende como um sistema complexo composto por signos, símbolos, códigos e elementos paralinguísticos, os quais, unidos em uma língua, permitem que haja a comunicação entre falantes de um mesmo meio social; contudo, a partir do momento em que uma língua estrangeira entra em cena na vida de um falante, dar azo a essas convenções linguísticas se torna uma tarefa complicada e cheia de peculiaridades que podem tanto acelerar quanto dificultar ainda mais o aprendizado. Uma dessas peculiaridades é a elaboração de um texto argumentativo ou a construção de um posicionamento em defesa de um ponto de vista, por exemplo, o que pode colaborar para a constituição de um sujeito na nova língua aprendida por ele, assim como pode ser um ponto desconfortável para esse falante, que precisará se preocupar com mais elementos além da estrutura sintática e pronúncia das palavras; trata-se ali de defender um posicionamento, em linhas gerais. Partindo da questão em torno da argumentação, uma das formas clássicas de sua manifestação é através do debate, meio de interação que envolve duas ou mais pessoas e que gera uma discussão em torno de temáticas pré-estabelecidas.

Segundo Plantin (2009, 2011, 2016), um diálogo autêntico, natural e cotidiano é o momento em que duas pessoas se situam face a face, por meio de trocas de turnos de fala. Nesse sentido, ao analisar um debate sob uma perspectiva dialogal, como propugnado pelo autor, o desfecho da argumentação é menos importante do que todo o seu percurso, na troca de turnos; mais vale o *tête-à-tête* entre interactantes. Dito isso, neste artigo pretendemos mapear a construção dos contradiscursos apresentados por falantes de português brasileiro como língua não materna em situação da chamada *estase argumentativa*, termo utilizado para caracterizar o momento de desacordo suscitado pelo desencontro de posicionamentos dos participantes em uma interação com valor argumentativo. No *corpus* que apresentaremos, os interactantes (um americano; o outro, inglês), debatem em português brasileiro, uma língua em comum e não nativa para os interactantes, os quais, ao apresentar seus posicionamentos, veem-se diante do desafio de garantir que estão suficientemente seguros na nova língua para argumentar.

Para iniciar, traremos uma breve perspectiva de Plantin (2016), explanando um pouco mais a respeito dos *papéis de atuação*, que serão abordados aqui para demonstrar de que forma cada falante atua no debate argumentativo em consonância com o impacto que desejam causar através de seus posicionamentos. Depois disso, continuaremos discutindo a noção de *estase* argumentativa, ou seja, o exato momento em que ocorre a tensão no diálogo, motivada pela divergência de pontos de vista (ie, o chamado contradiscurso), para compreender como a troca entre interactantes acontece naquele contexto.

O *corpus* selecionado para este artigo é composto por um vídeo do canal *Harry Souroukides*, disponível na plataforma *Youtube*, envolvendo um diálogo, intercultural, de dois falantes nativos de língua inglesa: um britânico e um norte-americano; ambos possuem canais na plataforma *Youtube*, onde compartilham experiências de aprendizado de uma nova língua: o português brasileiro. Neste cenário, a discussão sobre seus países de origem faz com que eles tenham uma conversa instigante, mas cheia de desacordos.

O objetivo deste artigo é, nesse sentido, analisar os momentos de *estase* percebidos no vídeo escolhido, que, por apresentar falantes de língua estrangeira, percebe-se que foram motivados por *estranhamentos culturais* (FARNEDA, 2012) bastante comuns em um ambiente intercultural. Sendo assim, o que chamou nossa atenção e encontra-se aqui como justificativa para a realização da pesquisa cujos resultados ora apresentamos foi a maneira como os falantes do vídeo analisado não abrem mão e apenas reforçam os estereótipos culturais, utilizando-os como argumento quando acontece algum tipo de desacordo, o que, como mostraremos, colaborará para o fortalecimento dos estranhamentos.

1. O modelo dialogal e os papéis de atuação

Muitas são as frentes de estudo no cenário argumentativo, e ainda que cada uma possua características que as diferenciem entre si, todas elas, grosso modo, têm interesse em analisar o curso do posicionamento de cada indivíduo, independentemente se ele compartilha essas opiniões com outros indivíduos ou simplesmente as detém para si. O modelo dialogal (PLANTIN, 2009, 2011, 2016), uma das frentes da área de argumentação, busca entender a interação entre os falantes no

momento em que os argumentos são construídos e expostos; para esse autor, a proxêmica, os recursos paralinguísticos e a semântica dos argumentos, em si, são extremamente importantes para que a interação verbal seja realizada plenamente. E isso ocorre porque, diferentemente de outras linhas como a Pragmadialética, a conclusão de um debate não é tão importante para a análise, e sim as idiossincrasias do percurso argumentativo ao longo da interação entre debatedores/interactantes.

Nesse tipo de interação, percebemos que, no diálogo, as unidades básicas mais óbvias são os *turnos de fala*, isto é, o que um determinado locutor diz antes do outro falar (DOOLEY, LEVINSOHN, 2014; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006); além disso, os discursos e contradiscursos apresentados carregam interesses próprios dos falantes que em grande parte são demonstrados quando esses precisam se posicionar. Muitas vezes, nem eles percebem que estão depositando seus interesses nos argumentos construídos e, na situação de debate, por exemplo, “vence” quem sabe articular da melhor forma o conjunto de recursos argumentativos disponíveis.

É no contexto da interação que Plantin (2009, 2011, 2016) introduz os chamados *papéis de atuação*, posições principais que entram em cena pelos debatedores para fazer nascer a *questão argumentativa*. Nesse cenário, estão posicionados: o **proponente**, que, ao iniciar o diálogo, apresenta e apoia uma proposição através de seu posicionamento pessoal em relação ao tema escolhido; o **oponente**, que, ainda fazendo jus ao tema, rejeita a proposição apresentada pelo proponente e faz suscitar assim o contradiscurso; e, por fim, o **terceiro**, que finalmente dá voz aos questionamentos em volta da proposição e da contraproposição, alimentando ainda mais a discussão. Nesse campo de atuação, a intervenção do terceiro é importantíssima para que possa instigar os posicionamentos, ou seja, ele coloca em jogo a solidez dos argumentos defendidos, fazendo, assim, emergir a questão.

Ao tratarmos da *questão*, dentre as definições possíveis apresentadas nos diversos trabalhos de Plantin aqui mencionados, a que mais está adequada para esta pesquisa é a *questão argumentativa* ou “a materialização da confrontação discursiva em torno de uma divergência consistente de pontos de vista, levando a uma situação argumentativa, em que perspectivas divergentes são colocadas à mesa.” (DAMASCENO-MORAIS, 2017, p. 155), em outras palavras, a *questão* nada mais é que a

discussão gerada após a construção de discordâncias entre os papéis de atuação anteriormente citados.

Em resumo, o modelo dialogal tem como alicerce a interação entre falantes, e a construção de posicionamentos diz muito a respeito dos papéis desempenhados por eles no discurso em torno de uma questão formulada nesse mesmo contexto. Por meio das discussões, os interesses ficam à mostra e a contraposição deles através dos papéis de atuação é o que permite classificar um diálogo como argumentativo, lembrando que os autores podem alternar-se nos papéis, afirmando ou contrapondo as questões levantadas à medida que o debate se encaminha; ou seja, o proponente inicial pode assumir o lugar do oponente mais à frente no desenrolar da questão (e vice-versa). Por fim, os contra-argumentos levam os falantes a entrarem em conflitos, e é justamente nesse momento de desacordo que nasce a chamada *estase argumentativa*, momento da conversa entre os interactantes que nos interessa na análise que apresentaremos.

2. Sobre a *estase argumentativa*

Para fins de entendimento, traremos uma breve definição de *stasis* (traduzimos em português brasileiro para *estase*), apresentada por Rui Alexandre Grácio em seu “Vocabulário crítico de argumentação”, que diz “a *stasis* representa um choque de discursos e o problema ou as questões que levanta estarão na base da especificação das exigências segundo as quais se poderão tematizar e desenvolver os argumentos apropriados.” (GRÁCIO, 2013, p. 122). De forma mais resumida, a *estase* representa nada menos do que o ponto alto do desacordo entre falantes de um debate. Essa dissonância ocorre mediante a estrutura apresentada no tópico anterior: proponente, oponente e terceiro, dando forma à *questão*. Essa apresentação de contradiscursos ocorre no ambiente da interação, peça chave para o modelo dialogal. É importante ressaltar que para realmente se caracterizar o surgimento da *estase*, é preciso que esteja clara a presença dos papéis de atuação; sem essa construção, teríamos apenas um tipo de desencontro de posicionamentos.

Neste trabalho, a gênese do desacordo será em um ambiente intercultural, que foi selecionado justamente por ser um meio em que estranhamentos são recorrentes, e nem sempre esses estranhamentos são bem recebidos pelos falantes. A análise de um momento de *estase* deve captar os pontos máximos de tensão assim como um anzol

figura um peixe: é um momento bastante preciso e específico e é a partir dele que toda a conversação seguinte será desenvolvida.

3. Interculturalidade e argumentação em língua estrangeira

Com o passar dos anos, elaboração de novas tecnologias facilitou a troca de experiências culturais entre regiões distantes, assim, muitas pessoas se interessam por aprender outras línguas, dividindo-se entre aquelas que possuem condições de aprender presencialmente e outras que aproveitam as plataformas como o *Youtube* para que possam fazer uma imersão o mais real possível; o que acontece é que independentemente da maneira em que se escolhe aprender outro idioma, torna-se necessário interagir com outros indivíduos, assim como acontece na dinâmica da própria língua materna. Nesse sentido, é praticamente impossível falar da interação em uma língua comum entre falantes não nativos sem explanar a respeito do conceito de *interculturalidade*.

De acordo com as contribuições de Paiva (2009, p. 40),

Apenas com as explanações apresentadas no dicionário, poderíamos compreender o fator intercultural como o estreitamento de relações entre indivíduos (grupo social ou sociedade) que compartilham conhecimentos, informações e saberes adquiridos segundo perspectivas evolutivas distintas, legitimando, desse modo, o caráter transformador das trocas vivenciadas por esses indivíduos.

O ambiente intercultural, tido como oportunidade para uma série de aprendizados, também favorece o aparecimento dos chamados *estranhamentos* (FARNEDA, 2012) que ocorrem quando os falantes possuem diferenças socioculturais marcantes e, por algum motivo, desconhecem esse fator no outro, gerando uma tensão que pode ser externalizada por meio de preconceitos, julgamentos inapropriados, entre outras formas de conflito, prejudicando o diálogo entre culturas. É nesse leito que nasce a *estase*, o ponto máximo em que um conflito de pontos de vista entra em cena.

Sabe-se que cultura e língua são elementos intrínsecos, e no meio argumentativo isso não seria diferente, ainda mais quando a forma como alguém enxerga a cultura do outro não condiz com a formação deste primeiro indivíduo. Sabe-se que ter de lidar com novas estruturas gramaticais, fonológicas e sintáticas em uma língua não materna é um dos maiores desafios para quem está em processo de

aprendizagem; isso se torna mais complexo quando inserimos o fator argumentativo que obriga o falante a ir além da boa pronúncia ou da estruturação sintática perfeita, colocando o sujeito em posição de escolher semanticamente com cautela os argumentos que utilizará em determinadas situações. A depender da carga cultural, a abertura de brechas para dupla interpretação pode causar conflitos e desentendimentos. E, nesse cenário, o modelo dialogal entra em cena. Por meio dessa perspectiva de se enxergar uma interação argumentativa, reconhecemos a importância do momento de interação, pois é nele que os indivíduos têm a oportunidade de demonstrar a competência na língua estrangeira escolhida, defendendo com segurança as teses de acordo com o papel que estão desempenhando no momento do debate.

4. O papel dos estranhamentos interculturais no nascimento da *estase*

Para fins de familiarização, explicaremos alguns conceitos importantes para o decorrer das próximas etapas desta pesquisa. Primeiramente, o conceito de língua materna está voltado para além de uma combinação de códigos e elementos gramaticais em geral, porque esse conceito engloba também a formação do sujeito e os valores que irão compor a sua personalidade; é, portanto, a primeira língua com que o falante não só possui contato, mas com a qual também passa a construir o seu entendimento sobre o mundo. Já a língua não-materna pode ser tanto uma segunda língua (quando o sujeito passa a ser constituído em uma outra língua além da primeira, ainda em idade de assimilação linguística); a língua de acolhimento (um termo utilizado para pessoas em situação de risco que migram para fora do seu país e precisam aprender rapidamente uma língua para usos funcionais não tão pautados em aspectos gramaticais por exemplo), e a língua estrangeira (geralmente assimilada depois que o sujeito já está constituído, em uma idade mais madura). No caso desta pesquisa, o português brasileiro assumirá o papel de língua estrangeira para os interactantes cujos discursos analisaremos.

De acordo com Dooley e Levinsohn (2014), cada língua possui normas distintas de discurso e, devido a isso, em um diálogo, por exemplo, os turnos de fala, os recursos paralinguísticos, entre outros aspectos que regem essa troca de enunciados, variam de acordo com os fatores tanto linguísticos quanto socioculturais de uma determinada sociedade. Nesse norte, Nóbrega (2010, p. 7) explica:

Na LM estamos literalmente em casa. Inseridos na cultura e na sutileza de seus imperativos, somos conhecedores natos do que se aprova e do que se rechaça. Na LE, o estranhamento, seguido muitas vezes de desconforto, é a sensação inicial decorrente das diferentes formas de interpretar o mundo, pois "(...) no contato com a segunda língua não estamos constituídos como sujeitos, não estamos inseridos em uma língua e uma cultura que formataram nossa forma de nos relacionarmos com nós mesmos, com o outro e com o mundo.

Em um debate intercultural, não existe cultura certa ou errada, e sim pontos de vista baseados nos conceitos afetivos dos falantes, que geram impactos positivos ou não nos receptores. E ali é onde a *estase* pode se fazer presente, uma vez que, nesse tipo de situação, a troca de argumentos socioculturais é extremamente necessária no processo de aquisição. Além do mais, língua e cultura são intrínsecas, sendo praticamente impossível dissociá-las; Patrícia Falasca, a partir de uma leitura marcadamente bakhtiniana, sugere:

Nessa perspectiva, é também na e pela linguagem que os indivíduos se tornam sujeitos no mundo, ao adentrar os discursos da sociedade na qual se encontram. E isso apenas ocorre quando há o mergulho no recorte do mundo feito por sua língua materna, permitindo o despertar de sua consciência enquanto sujeitos. (...) Cada discurso faz-se um elo na cadeia de comunicação verbal, a qual é infundável (FALASCA, 2015, p. 25).

Os discursos produzidos por um falante em línguas estrangeiras também carregam os vieses ideológicos, na maioria das vezes associando os argumentos à língua materna dele. Isso não necessariamente quer dizer que não haja uma apropriação sociocultural da nova aquisição, já que aprender uma língua é também aprender uma cultura. De qualquer modo, é importante termos consciência de que, no processo de constituição do indivíduo como sujeito da língua, as raízes dos argumentos tomam como parâmetros iniciais os aprendizados da língua materna.

Acerca do *corpus* de que lançamos mão, é preciso esclarecer que o método empreendido se baseia na perspectiva dialogal de Plantin (2011, 2009, 2016), como já anunciado, na iminência de analisarmos a construção dos processos argumentativos na interação entre os falantes estrangeiros. Ali estaremos atentos à forma como os argumentos são construídos com base nos papéis de atuação que os falantes assumem no diálogo e no impacto que desejam causar um no outro. Não obstante, não foi necessário realizar gravações para esta análise, contudo, fez-se necessário que o *corpus* escolhido para esta análise fizesse jus à perspectiva dialogal e que contivesse falantes de português como língua não materna interagindo em uma discussão.

Desse modo, foi escolhido um vídeo da plataforma *Youtube*, o qual atendia às necessidades da pesquisa e que ilustrasse de forma clara a hipótese levantada: o uso de elementos socioculturais na construção dos argumentos de um debate entre falantes de português como língua não materna tem como ponto crucial a construção e desconstrução da *estase*. Essa hipótese será confirmada na análise de dados³. Nesta análise empreendemos as transcrições de áudio do vídeo escolhido adotando as convenções propostas em Marcuschi (1986)⁴, com pequenas adaptações que serão sinalizadas no rodapé dos trechos escolhidos.

Por fim, utilizaremos abreviações para nos referirmos aos falantes e aos fenômenos que ocorrem ao longo da interação: Falante britânico - Falante 1 (F1); Falante norte-americano - Falante 2 (F2); Ponto máximo da *estase* (P.M.E.); e Argumento Sociocultural (ASC).

5. Os estranhamentos socioculturais e a *estase* argumentativa em ação

O vídeo analisado intitula-se “Diferença entre os Estados Unidos (EUA) e Inglaterra - com Tim Explica”. O material, que possui 8’31”, está situado na plataforma *Youtube* e, por conta dessa disponibilização, enquadra-se em material de domínio público. Ali vemos dois indivíduos sentados em um sofá: um de nacionalidade britânica e um de nacionalidade norte-americana, que discutem a respeito de temáticas envolvendo seus países de origem (Inglaterra e Estados Unidos da América). Os dois participantes estão aprendendo o português brasileiro, mas já demonstram certo domínio, afinal os dois possuem canais na plataforma para compartilhar experiências pessoais de aprendizado. Grande parte dos vídeos que eles desenvolvem são em

³ Uma versão bastante preliminar da análise que ora apresentamos foi esboçada, como exemplo de trabalho que emprega a perspectiva dialogal, em DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Dialogando com a perspectiva dialogal. In: PIRIS, Eduardo Lopes; RODRIGUES, M. das Graças Soares. Estudos sobre argumentação hoje – modelos teóricos e analíticos. Natal: EDUFRRN, 2020. P. 142-167.

⁴ Convenções de transcrição: [] - falas simultâneas, [-] - sobreposição de vozes, [] - sobreposições localizadas: quando a sobreposição ocorre num dado ponto do turno e não forma um novo turno, trecho curto de sobreposição, Pausas: (+) ou o tempo da pausa entre parênteses (1.8), (2.5), (): dúvidas e suposições, Truncamento brusco: / - quando o falante corta uma unidade, ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA, alongamento de vogal: “:” ou “::”, (()) – comentários do analista, - - - : silabação, sinais de entonação: a. “ : para uma subida rápida (ponto de interrogação) b. ‘ : subida leve (vírgula ou ponto e vírgula) c. , : descida leve ou brusca, repetição: reduplicação da letra ou sílaba (reduplicação da parte repetida), hesitação ou sinais de atenção: “eh”, “ah”, “oh”, “ih::”, “mhm”, “ahã”, indicação de transcrição parcial ou de eliminação: “...” e “/.../” a. “...” no início e no final de transcrição.

português brasileiro, inclusive o material escolhido para esta análise, que está situado no canal do falante britânico.

O debate não possui mediador, isso significa que além dos dois falantes do vídeo não há outra pessoa para realizar perguntas ou instigar o surgimento das temáticas que são debatidas; esse fator é importante para percebermos que não é preciso que tenha alguém para instigar e realizar perguntas que possam gerar a tensão entre os participantes do vídeo. Em vez disso, temas como “educação”, “café da manhã típico”, “proximidade com outros países”, entre outros, vão surgindo naturalmente no desenrolar dos posicionamentos de cada participante do vídeo, e devido aos *estranhamentos socioculturais*, isso dará abertura para que ocorra a *estase*, como veremos.

Para ilustrarmos a descrição da interação de forma mais precisa, transcreveremos os contradiscursos em três momentos de *estase* mais marcantes no diálogo escolhido. As marcações de *estase*, os papéis de atuação, as interrupções, perda do turno de fala e comentários serão demonstrados por meio das transcrições nas convenções adotadas. Após a descrição, apresentaremos uma análise dos papéis de atuação desempenhados no vídeo pelos dois participantes do debate, assim como a forma como carga sociocultural presente nos argumentos colabora para a construção das questões e posteriormente do dissenso. Para isso, haverá uma tabela selecionando os posicionamentos mais cruciais para essa construção, seguida da explicação a respeito do impacto que esses posicionamentos causam no nascimento da *estase*.

5.1 Análise do excerto 1

Esse primeiro excerto foi retirado do início do vídeo do instante 46” ao 1’13”. O falante britânico introduz o vídeo e apresenta o seu convidado: o amigo norte-americano que veio para que ambos pudessem compartilhar com a audiência as peculiaridades e costumes de cada país. Após falar que esse vídeo está relacionado com os países Inglaterra e Estados Unidos, o falante britânico diz que se trata dos países que os brasileiros pensam mais em visitar. Essa fala é suficiente para que o falante norte americano faça uma intervenção que chegará até a eclosão da primeira *estase*. Essa discussão fará com que eles, de forma involuntária, ou seja, sem mediador, se deparem

com primeira *questão argumentativa*, a qual pode ser formulada da seguinte maneira: “A educação inglesa é melhor do que a educação americana?” Vejamos o excerto:

Transcrição 1 ⁵ - Instante 46" ao 1'13"	Interactante
1. eu quero que vocês conhece meu país lindo, maravilhoso,	F2
2. [[é, eu acho que meu país é melho:r' NÉ (+) Tem/ tem/ MUITAS coisas que são melhores (+) né', ((ASC))	F1
3. tipo o quê"	F2
4. tipo:' educaçã:::o, (+) e: a/	F1
5. [['vocês são mais educados que a gente" ((ASC))	F2
6. MUITO MAIS' NOSSA' MUITO MAIS'	F1
7. 'a gente soi ((não fala corretamente o termo em português)) muito EDUCADOS ((PME))	F2
8. sério"	F1
9. acho que soi, ((se perde um pouco ao embolar as palavras)) acho que são' educados. Eu soi' educado, ((ASC))	F2
10. [[não, não/	F1
11. não" (inaudível) não soi educado"	F2
12. você não fala' você não fala por favor' obrigada' nã::' vocês são nã/ A gente fala certi:nho ((ASC))	F1

Neste primeiro momento, não há apresentações por parte de nenhum dos falantes que demonstre certo anúncio do início “oficial” do conflito de opiniões, tendo em vista que este debate além de não possuir mediador, já começa de forma natural após um dos posicionamentos do falante 2 (argumento presente na linha 1), ao ser contestado pelo falante 1 (através do argumento presente na linha 2). Assim como foi apresentada em nossa hipótese inicial, essa reação do falante 2 ao afirmar que a educação do seu país é melhor do que a educação dos Estados Unidos indica que as diferenças socioculturais podem atuar como acionadores de *estase* em interações

⁵ Transcrição 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XmfLp5ONHX8>

argumentativas, a partir de *estranhamentos culturais*, como é bem o caso, acerca da questão argumentativa proposta. Os argumentos que destacamos como socioculturais presentes neste trecho e que causam a tensão são:

Argumentos socioculturais	Interactante
2. [[é, eu acho que meu país é melho:r' NÉ (+) Tem/ tem/ MUITAS coisas que são melhores (+) né',	F1
5. [['vocês são mais educados que a gente"	F2
9. acho que soi' acho que são' educados. Eu soi' educado,	F1
12. você não fala' você não fala por favor' obrigada' nã::' vocês são nã/ A gente fala certi:nho	F2

No destaque que propomos, percebemos maior quantidade de pausas nas linhas 2 e 4, assim como há uma dificuldade maior de falar o português expressa pelas linhas 7, 9 e 11, marcada pelas interrupções no raciocínio dos falantes e sobreposições de turnos de fala, ao se utilizarem costumes culturais para justificativas de desacordo (linhas 7, 9 e 12). A presença da *estase* ali, isto é, o conflito gerado acerca de qual educação seria a melhor entre os dois países, aumenta as dificuldades dos interactantes em formular um posicionamento em uma língua não materna, e a conversa discussão acaba não evoluindo. Ali há uma espécie de bloqueio involuntário, gerado pela *estase*, que os impede de pensar ao mesmo tempo na gramática e na construção de argumentos para a defesa de um ponto de vista, em momentos de desacordo.

Acerca do jogo de papéis de atuação, vejamos os argumentos empregados nesse primeiro excerto destacado:

Argumentos empregados	Papeis de atuação
1. eu quero que vocês conhece meu país lindo, maravilhoso	Proponente/F2
2. [[é, eu acho que meu país é melho:r' NÉ (+) Tem/ tem/ MUITAS coisas que são melhores (+) né',	Oponente /F1
4. tipo:' educaçã:::o, (+) e: a/	Proponente/F1

5. [['vocês são mais educados que a gente"

Terceiro /F2

No trecho destacado, o falante 2, ao fazer a afirmação de que seu país seria melhor, apresenta uma opinião pessoal e assume o papel actancial de *proponente* (linha 1); é nesse primeiro trecho que o debate é “oficialmente” iniciado. A reação do falante 1 à afirmação do seu parceiro de conversação (linha 2) foi discordar sem a utilização de partículas de negação (ex.: “Não”, “discordo”...), mas sim com uma outra afirmação comparativa afirmando que o seu país era melhor; ou seja, aqui vemos o papel de *oponente*, que refuta a proposição apresentada. O falante 2, então, reivindica uma justificativa de ter sido contestado (linha 5) e o leito da *estase* já começa a aquecer-se para receber o nascimento da *questão argumentativa*. Pondo em dúvida a justificativa do falante 1 (linha 4), e iniciando a questão (linha 5), entra em jogo o *terceiro*, isto é, o papel de atuação também desempenhado pelo falante 2.

Ressaltando, o falante pode assumir ali mais de um papel e precisa transmutar-se naquele que está sendo requisitado no momento específico da discussão de acordo com o impacto que ele deseja causar no outro, como podemos ver na transcrição acima, no momento em que o falante 1 assume o papel de *oponente* (linha 2) e *proponente* (linha 4), e o falante 2 assume o papel de *proponente* (linha 1) e *terceiro* (linha 5), num claro jogo de mudança de papéis de atuação a que, aqui, chamamos, de estranhamentos socioculturais com *estase* argumentativa em atuação.

5.2 Análise do excerto 2

No trecho do vídeo que ora apresentaremos, o falante norte-americano, de forma espontânea, faz uma sugestão de tema para ser inserido na conversa: comida. Assim, trazemos neste trecho o momento em que essa discussão se desenrola e utilizaremos o mesmo percurso aplicado à transcrição anterior, destacando o surgimento da divergência de opinião (*estase*), os argumentos socioculturais e os papéis de atuação desses falantes. A questão argumentativa ali pode ser representada da seguinte forma: “Qual é melhor, o chá inglês ou o café americano?”. Vejamos:

Transcrição 2 ⁶ : instante 2'40" ao 3':02"	Interactante
1. A comida"	F2
2. a comida de Londres ó' primeiro' a chá é o melhor coisa' chá inglês:s ((ASC))	F1
3. o que é a chá"	F2
4. chá'	F1
5. [[AH chá:' chá:' ((faz gestos com as mãos como se estivesse tomando chá)) tipo' tea, tea, chá' chá'	F2
6. tea' english tea' é MUITO melhor do que café: café: café: ((ASC))	F1
7. [[NÃO' mas (+) como você vai começar um dia sem café" tea não dá pracom' não dá pra começar o dia com chá' não dá' não dá' ((ASC))	F2
8. [[dor/ dor/ dormir né:' dormir oito horas tá de bo:a	F1

Neste trecho, percebem-se alguns fenômenos: primeiramente a sobreposição de falas, presente nas linhas 5, 7 e 8, que indicam a tensão na discordância a ponto de um falante não aguardar o outro para falar e imediatamente sobrepor um argumento; além disso, há a presença de uma curta pausa na linha 7, estratégia utilizada em um debate para ganhar tempo na formulação dos argumentos. Em segundo lugar, algo que também chama a atenção é que por se tratar de uma língua em que ainda está em processo de domínio, o falante 2, assim como se pode notar na linha 5, passa a utilizar o gesto⁷ como se estivesse tomando chá para explicar o que seria essa bebida. E isso não quer dizer que o outro participante não saiba o que é um chá, mas esse recurso é utilizado quando o falante não possui conhecimento de elementos linguísticos suficientes para a explicação da bebida em outra língua. Ali a utilização de gesto é um recurso válido, porque através deles e ainda que tenham sido seguidos da tradução para o inglês, o falante norte-americano conseguiu confirmar para o falante britânico que ele havia entendido do que se tratava o termo "chá", confirmação feita pelo falante 1 na linha 6, que inicia sua fala retomando o termo traduzido para o inglês.

⁶ Transcrição 2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XmfLp5ONHX8> .

⁷ O gesto abordado está no minuto 2'47'': <https://www.youtube.com/watch?v=XmfLp5ONHX8>.

Ainda em se tratando do processo de domínio da língua portuguesa em que os falantes se encontram, houve um momento em meio às explicações do que seria o chá quando o britânico diz que “*a chá é o melhor coisa!*” (linha 2), e o norte-americano reafirma na pergunta “*O que é a chá?*” (linha 3), em que uma discordância de gênero ficou evidente; não se pode afirmar com certeza que essa discordância tenha sido motivada unicamente pela construção de argumento, afinal, ao fazer o paralelo entre as duas línguas - inglês e português - teríamos o termo “*the tea*” na língua inglesa, sem distinção de gênero; esse fator pode confundir quem está em processo de aprendizagem do português. É importante ressaltar que essa questão é meramente gramatical e não influencia diretamente na construção da *estase*, contudo, é importante para percebermos que na hora de demonstrar explicações e posicionamentos, os elementos da gramática se tornam irrelevantes e nem mesmo os falantes percebem que estão cometendo esse “deslize” acerca do uso do artigo. O importante é deixar a opinião clara, e é o que justamente acontece na linha 2.

Argumentos empregados	Papeis de atuação
2. a comida de Londres ó' primeiro' a chá é o melhor coisa' chá inglês:s	Proponente/F1
6. tea' english tea' é MUITO melhor do que café: café: café:	Proponente/F1
7. [[NÃO' mas (+) como você vai começar um dia sem café" tea não dá pracom' não dá pra começar o dia com chá' não dá' não dá'	Oponente e Terceiro/F2

O que podemos observar aqui é que o falante 1 assume o papel de proponente ao dizer através do argumento na linha 2 que a comida de Londres é “o melhor coisa”. Novamente houve uma pequena discordância de gênero, contudo, irrelevante para o sentido dos argumentos. Houve um pequeno intervalo para explicar o que seria o chá (linhas 3, 4 e 5), mas ao continuar o rumo da conversa, o falante 1 ainda mantém o seu papel de atuação no debate reforçando o próprio argumento através da fala presente na linha 6.

Ao continuarmos o jogo de interações, percebemos mais uma vez que o falante 2 assume dois papéis, e o curioso é que eles ocorrem na mesma linha, a linha 7 da transcrição 2. Para maior clareza, precisamos desmembrar essa linha em duas partes:

primeiramente, o papel de atuação como *oponente* ocorre quando o falante 2 nega o que foi dito pelo falante 1, ao dizer “não”, com evidente ideia de oposição. Já a sua atuação como *terceiro* ocorre em seguida ao discutir como seria começar o dia sem café. Mais uma vez o papel de atuação e domínio linguístico conversam diretamente. E isso se percebe por que, ainda em se tratando da linha 7, o falante utiliza a estratégia da pausa e até mesmo faz a repetição de termos para ganhar tempo ao elaborar seu posicionamento contrário, que precisa ser eficiente.

O jogo de papéis nesse trecho nos permite enxergar de forma bastante clara os argumentos socioculturais:

Argumento sociocultural (ASC)	Interactante
2. a comida de Londres ó' primeiro' a chá é o melhor coisa' chá inglês ((ASC))	F1
6. tea' english tea' é MUITO melhor do que café: café: café:	F1
7. [[NÃO' mas (+) como você vai começar um dia sem café" tea não dá pracom' não dá pra começar o dia com chá' não dá' não dá'	F2

Percebe-se nas linhas 2 e 6 que o falante 1 explicita que não é qualquer chá que é o melhor de todos, mas sim o chá inglês, que por nenhum acaso também é de sua nacionalidade. Algo interessante a se ressaltar é que o fator sociocultural é tão produtivo que o falante 2, ao propor que falassem de comida (linha 1 da transcrição 2), não havia pedido que fizessem algum tipo de comparativo, mas que apenas discutissem o tema; o debate inicia-se justamente por causa desse papel de *proponente* do falante 1 (linha 2) que realiza o argumento apenas reforçando que, por ser britânico, acredita que a comida de Londres seja realmente a melhor.

Quanto ao sentido dos argumentos, note que as linhas 2, 6 e 7 não possuem explicações fundamentadas a respeito dos benefícios que cada tipo de bebida pode apresentar ou não, mas só o fato de o chá ser demasiadamente consumido na Inglaterra, já faz com que o britânico (falante 1) *utilize essa afirmação sociocultural como argumento*, assim como o alto consumo de café nos Estados Unidos seja motivo suficiente para que o norte-americano (falante 2) discorde da proposição apresentada

pelo parceiro de conversação. E ali se aloja a *estase*, devido a esse choque de pontos de vista.

Essa interação foi demonstrada anteriormente por meio do jogo de papéis de atuação. O único resquício de explicação do porquê de se consumir mais uma bebida do que a outra é a última fala do trecho feita pelo falante britânico, que diz “*Dormir 8h tá de boa*” (linha 8 da transcrição 2) , referindo-se à capacidade do café como antagonista do sono, devido à sua alta concentração de cafeína; ainda assim, apesar disso não ficar claro para o falante 1, percebemos que este fato não é argumento suficiente para justificar o alto consumo, já que nem todos os americanos consomem café apenas para impedir o sono, e sim por outros motivos que atravessam eixos gastronômicos e culturais por exemplo, e que não vem ao caso na análise que estamos realizando.

5.3 Análise do excerto 3

Neste momento, o britânico fala direcionando-se para o espectador, que irá assistir ao vídeo posteriormente, em especial estudantes que desejam fazer intercâmbio. Pela primeira vez há um comparativo intencional entre as duas culturas, tendo em vista que nos trechos apresentados anteriormente a comparação surgia de forma natural através dos argumentos socioculturais. No trecho destacado abaixo, a questão argumentativa que se pode depreender é: “*Qual o lado correto do volante para se dirigir?*” Vejamos:

Transcrição 3 ⁸ : instante 5':52" ao 6':38"	Interactante
1. u/ universidade com certeza é mais barato,	F2
2. [[mais barato/	F1
3. mas eu acho que custo de vida (+) depende de onde você está' porque lon/ londres é muito caro	F2
4. é, mas lá você tem que pagar pro médico' (inaudível), você/ você quebra a perna' ó' ((faz o gesto como se estivesse quebrando a perna)) cadê o dinheiro"	F1

⁸ Transcrição 3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XmfLp5ONHX8>.

5. mas quem vai q/ quem vai quebr/ pega que/ quebrar a perna	F2
6. [[cadê o dinheiro"	F1
7. [[você não vai quebrar a perna'	F2
8. óh/ah/ mas você/ ah/ mas cê tá/ mas você tá/ an/ cê tá dirigindo	F1
9. [[mas vocês dirigindo nu/ nu/ lado errado do rua'	F2
10. [[não (+) não (+) lá não eu/ ((utiliza uma quantidade maior de gestos para tentar explicar))	F1
11. claro que vai quebrar perna se vocês não sabe dirigir do lado certo, ((faz gestos expressivos com as mãos para enfatizar o argumento))	F2
12. [[não' não' não' é o lado certo'	F1
13. [[não' é lado errado'	F2
14. [[ó' esque:rdo' é lado esque:rdo!	F1
15. brasil' ((aponta para a câmera e em seguida para o britânico)) é lado errado' né' é ao contrário' contrário"	F2
16. [[e é o contrário também' não' não' eu tenho/ (inaudível)	F1
17. [[como você/ como você' tipo' dirige assim"	F2
18. não' é assim' é manual também né" o,	F1
19. [[a gente não gosta de manuais,	F2
20. [[manu eh/ eh/	F1
21. mas como você vai fazer com sua mão esquerda" isso é muito difícil'	F2
22. não' mas é' você é automático' você nem faz assim' você faz assim' ou fazer assim' ((faz gestos como se estivesse manuseando um volante de carro))	F1

Nas linhas 11 a 22, o tema central é o lado que seria correto para dirigir, contudo, não há um consenso nesse sentido, pois cada país possui forma e estrutura de trânsito diferentes para realizar esta ação, e que isso historicamente funciona (independente do lado). Ao contrário disso, temos apenas afirmações e contra-argumentos que visam fortalecer os costumes culturais de cada falante. Como exemplo, percebemos na linha 11 o falante 2 afirmando que *“é claro que você vai quebrar a perna*

se não sabe dirigir do lado certo” porque nos Estados Unidos dirige-se do lado direito; enquanto isso, o falante 1 afirma, na linha 22, que é automático dirigir do lado esquerdo, como ocorre na Inglaterra.

Ali o argumento trazido pelo falante 1 de que é comum quebrar a perna dirigindo (união das linhas 4 e 8 da transcrição 3) acaba sendo pouco verdadeiro, porque são raras as vezes em que se tem notícias desta relação entre dirigir do que seria “o lado errado” e quebrar a perna. Acreditamos que, em fim de contas, essa era a explicação que o falante conseguiu construir naquele momento, talvez como forma de demonstrar agilidade na hora de se opor a uma proposição, levando, desse modo, ao surgimento da *estase*. Essa relação será demonstrada a seguir.

Argumentos empregados	Papeis de atuação
3. mas eu acho que custo de vida (+) depende de onde você está' porque lon/ londres é muito caro	Proponente/F2
4. é, mas lá você tem que pagar pro médico' (inaudível), você/ você quebra a perna' ó' cadê o dinheiro"	Oponente/F1
5. mas quem vai q/ quem vai quebr/ pega que/ quebrar a perna	Terceiro/F2

Na análise de papéis de atuação, inicia-se a discussão quando o norte-americano exerce o papel de *proponente*, afirmando que, a depender de onde morar em Londres, o custo de vida é bastante alto (linha 3). Logo depois, o falante britânico se opõe (linha 4) e tenta argumentar contra essa afirmação de que seria mais caro na Inglaterra. Percebe-se que na tensão para formular um contra-argumento ele passa a se perder na língua portuguesa e produz termos que ora são inaudíveis, ora são “gaguejados” (linha 4); no desenrolar da conversa, esse fenômeno também ocorre na linha 8, onde há uma sucessão de interrupção dos turnos de fala até que ele possa encontrar uma frase que ele domine na língua portuguesa e que possa condizer com a temática.

Após a atuação do *proponente*, entra em cena o posicionamento do *oponente*, papel desempenhado pelo falante 2 (linha 4), quando ele diz que, ao contrário da Inglaterra, nos Estados Unidos as pessoas precisam pagar pelo médico, situação que ele justificou com o exemplo que ocorreria se caso alguém quebrasse a perna. Após

essa atuação, o falante 2 assume o papel de *terceiro* e, na linha 5, alega uma certa improbabilidade de quebrar as pernas e, a partir desse posicionamento, a tensão/desacordo se estabelece, demonstrada pela quantidade de sobreposições de fala que aparecem em seguida nas linhas 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 19 e 20.

Esses impasses causados pelo processo de domínio da língua, presentes tanto na sobreposição de falas citadas anteriormente como as interrupções como na linha 16, fazem com que os dois falantes entrem em um debate cíclico, ou seja, por terem essa dificuldade para estruturar as frases e ainda mais possuírem pontos de vista que são voltados para as próprias culturas (as quais foram interiorizadas através da língua materna), eles acabam não entrando em um consenso. Como a tensão se estabelece ao longo do diálogo, são poucas as vezes que eles conseguem finalizar as frases sem perder a linha do pensamento, trocar a temática ou confundir elementos linguísticos (como a concordância de gênero da linha 9 ou a interrupção na linha 20). O interessante desse momento é que uma temática vai se desenvolvendo após a outra: começou com o custo universitário (das linhas 1 a 3) e voltou-se para o custo de vida em Londres (linha 3); logo depois a situação hipotética de quebrar uma perna e ter que gastar bastante com médicos nos Estados Unidos (linha 4); a improbabilidade de quebrar uma perna sendo justificada pelos riscos ao dirigir (linhas 5 a 7); o lado certo ou errado para dirigir (linhas 9 a 17); e, por fim, a preferência por carros manuais ou automáticos (linhas 18 a 22).

Novamente, assim como o episódio do café citado na transcrição 2, esse desenrolar de argumentos é realizado sem dados comprobatórios para as afirmações ou a discordância delas. Os posicionamentos são pautados em estereótipos e autoafirmações que até podem indicar para os interactantes quem “venceu” o debate, mas para quem analisa, talvez não faça tanto sentido assim.

Considerações finais

Com certeza, o ambiente intercultural por ser tão diverso e apresentar peculiaridades que lhe são próprias abre diversas possibilidades de análise e observações. Para concluir a análise que está no escopo deste artigo, confirmamos, a partir do breve estudo relatado, a hipótese de que os argumentos socioculturais e o nascimento da *estase* estão diretamente relacionados e que a forma como os

argumentos são estruturados revela um maior ou um menor domínio da língua que esses falantes estão utilizando, a depender inclusive do momento de tensão, nervosismo etc.

No *corpus* apresentado, o debate é suscitado já no início do vídeo, quando se percebe que cada falante está ali não apenas para representar o seu país, mas para defendê-lo. Apesar do título do vídeo dar a entender que apenas serão apresentadas as diferenças sem cunho comparativo, não é o que acontece no momento em que a discussão toma forma, tendo em vista que eles buscam a todo custo demonstrar que o certo a se fazer é aquilo que é inerente à sua própria cultura; não existe nenhuma outra justificativa sequer para que as ações sejam consideradas erradas ou não.

A análise mostra ainda que gestos e expressões dos participantes do vídeo atuam como marcadores de *estase*, sendo utilizados para reforçar argumentos, intensificando-os ou substituindo algum termo que eles não sabiam como falar na língua não materna. Nesse sentido, a constituição de um sujeito em uma língua estrangeira é um fenômeno bastante interessante e essa é apenas uma das muitas observações que poderão surgir posteriormente partindo dessa premissa.

Referências

- DAMASCENO-MORAIS, Rubens. O redimensionamento dos papéis de atuação em campo jurídico. In: **Retórica e comunicação multidimensional** OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés e GRÁCIO, Rui. Coimbra: Grácio Editor, 2017, p 143-159.
- DOOLEY, Robert A.; LEVINSOHN, Stephen H. **Análise do discurso: conceitos básicos em lingüística**. Tradução: Ruth Julieta da Silva e John White. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2014.
- FALASCA, Patrícia. Aprendizagem de língua estrangeira e argumentação em sala de aula: a perspectiva dialógica e discursiva em foco. **Leitura**, v.1, n. 55 - jan/jun, 2015, p. 23-40.
- FARNEDA, Eliete Sampaio. Língua e cultura no contexto de português língua estrangeira. **E-escrita - Revista do Curso de Letras UNIABEU**, n. 1, v. 3, Nilópolis – jan./abril, 2012, p. 192-196.
- GRÁCIO, Rui. **Vocabulário crítico de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

NÓBREGA, Maria Helena. Ensino de Português para Nativos e Estrangeiros: na Prática, a Teoria é Outra. **Linha D'Água**, v. 23, 2010, pág. 25-40.

PAIVA, Aline Fraiha. **Perspectivas (inter)culturais em séries didáticas de português língua estrangeira**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal São Carlos – UFSCar. São Carlos, 2009, 118f.

PLANTIN, Christian. Análise e crítica do discurso argumentativo. Tradução: Rodrigo dos S. et al. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação - EID&A**, n. 1, p. 17-37, nov., 2011.

PLANTIN, Christian. Deixem dizer: A norma do discurso de um está no discurso do outro. **Comunicação e Sociedade**, n. 16, 2009, p. 145-161.

PLANTIN, Christian. **Dictionnaire de l'argumentation**. Une introduction aux études d'argumentation. Lyon : ENS Éditions, 2016.

SOUROUKIDES, Harry. As diferenças entre os Estados Unidos (EUA) e Inglaterra com Tim Explica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XmflP5ONHX8> . Acesso em: jan. 2020 a jun. 2021.